



As alegrias da maternidade: uma breve análise das tensões entre o moderno e o tradicional vistas a partir das relações de e com o trabalho

Aguinaldo Henrique Garcia de Gouveia¹
(UFPR)

Lauriane dos Santos Rosa²
(UFPR)

RESUMO

O presente artigo nasceu de discussões acerca de produções literárias e narrativas de mulheres africanas. Uma dessas escritoras foi Buchi Emecheta. Com os debates e discussões sobre suas obras, desvelamos algumas possibilidades de análise, focando-nos em questões de gênero, colonialidade e relações condizentes ao tema do trabalho. Assim, o presente artigo objetiva apresentar reflexões a partir de *As Alegrias da Maternidade* (1979), tendo essas três frentes como eixos de aprofundamento. A proposta é refletir sobre as formas como essas três questões se relacionam na obra analisada. Para tanto, apoiamos-nos em abordagens como a crítica da noção de “modernidade”, de Enrique Dussel (2005), e nas análises dos impactos da colonialidade, especialmente na vida das mulheres, expostas por Rita Segato (2012). Por fim, entendemos que a análise da obra, na mescla construída entre a ficcionalidade e o real, pode lançar importantes luzes sobre as experiências retratadas.

Palavras-chave: Colonialidade; Literatura africana; relações de trabalho e gênero.

ABSTRACT

This article was born from discussions about literary productions and narratives of African women. One of these writers was Buchi Emecheta. With the debates about her works, we reveal some possibilities of work, focusing on questions of gender, coloniality and relations of and with work. Thus, this article aims to present reflections from *The joys of motherhood* (1979), having these three fronts as guide. We propose, then, to reflect on the ways in which these three questions are related in author's work. In order to do so, we will rely on approaches such as the critique of the notion of “modernity”, by Enrique Dussel (2005), and on the analysis of the impacts of colonialism, especially on women's lives, by Rita Segato (2012). Finally, we understand that the analysis of the work, in the mix between fiction and reality, can shed important light on the experience portrayed.

Keywords: Coloniality; African literature; relations of labor and gender.

¹E-mail: aguinaldohenrique333@gmail.com

²E-mail: laurianerosa@ufpr.br



Introdução

Um crítico [literário] perguntou-me: ‘Você tem muita raiva dentro de você, como você consegue suportá-la?’
‘Certo’, Eu disse, ‘Eu não posso suportá-la, então eu tenho que deixá-la sair no papel’.³
(EMECHETA, 1988, pp. 173-85, tradução nossa).

A raiva, tema que balizou a pergunta acima feita para Buchi Emecheta (1944-2017), a qual foi narrada pela autora em um dos seus escritos, é somente uma das infundáveis emoções trazidas à tona para os leitores e leitoras que se deparam com a literatura da escritora nigeriana. Em *As Alegrias da Maternidade*, obra publicada pela primeira vez em 1979, Emecheta, enfatizando a ironia presente no título do livro, propõe-se, dentre outros, a demonstrar os conflitos, dores e questionamentos impostos pela dominação colonial; situações que embora inseridas no campo do ficcional, não deixam de aludir à própria vivência da escritora, delineada a partir da exposição das relações de patriarcalidade às quais são submetidas suas personagens.⁴

Nascida na Nigéria, na cidade de Lagos, Florence Onyebuchi Emecheta mudou-se para a Inglaterra no início da década de 1960, local onde concluiu e aperfeiçoou seus estudos anteriores, realizados na Universidade de Londres (ILEA... 2021). Além da obra analisada neste ensaio, Emecheta também publicou outros romances, tais como *In the ditch* (1962), *Second class citizen* (1974) e *The bride price* (1976).

Alegrias da Maternidade retrata o período de colonização britânica da Nigéria, ou seja, está circunscrito, especialmente, à primeira metade do século XX.⁵ Ao pensarmos que Buchi Emecheta nasceu em 1944, se mostra coerente a associação desse contexto com a própria vivência da autora. Tendo sido escrito em um momento posterior – na década de 1970 – quando não mais residia na Nigéria, esta obra não se propõe a ser um retrato fiel daquele contexto ou uma transposição direta das experiências da autora. Entretanto, não se pode negar o significativo teor autobiográfico e as relações com experiências de Emecheta ou de pessoas próximas a ela. A protagonista da obra aqui analisada, como veremos nas páginas seguintes, assim como outras personagens que compõem o enredo, foram construídas, como pretendeu demonstrar Antônio Cândido

³Trecho original: One critic asked me 'You have so much anger in you, how can you bear it?' 'Well', I said, 'I can't bear it, so I have to let it out on paper'.

⁴Este ensaio é derivado do trabalho final apresentado à disciplina de História e Narrativa, do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁵Para informações mais aprofundadas sobre as relações existentes entre o romance aqui investigado e as características sociais e políticas da Nigéria colonial, cabe citar o artigo de (FERREIRA; GARCIA, 2019).



(1968), a partir de fragmentos, de traços particulares que, carregados de complexidade, podem expor no âmbito fictício verossimilhanças com o real.

Tais dinâmicas podem ser melhores compreendidas se tomarmos como ponto de partida o seguinte questionamento realizado por Cândido:

No processo de inventar a personagem, de que maneira o autor manipula a realidade para construir a ficção? A resposta daria uma ideia da medida em que a personagem é um ente reproduzido ou um ente inventado. Os casos variam muito, e as duas alternativas nunca existem em estado de pureza. (CANDIDO, 1968, p. 62).

Na sequência de sua exposição, o autor, baseado nas concepções de François Mauriac, apresenta algumas formas de como o escritor pode realizar esse exercício: como um disfarce leve; como uma cópia fiel, ou, ainda, como uma invenção quase completa (CANDIDO, 1968, p. 64). Além disso, aponta também para as relações e influências, ou melhor, as bases que estruturam e dão materialidade a esses processos. Nesse sentido, dentre as opções narradas por Cândido, que pondera sobre a estrita fidelidade impressa a uma criação literária e enfatiza o grau de invenção presente no construto da personagem fictícia, entendemos que a que melhor descreve o processo de criação literária da obra de Emecheta é o seguinte:

1. Personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta, — seja interior, seja exterior. O caso da experiência interior é o da personagem projetada, em que o escritor incorpora a sua vivência, os seus sentimentos, como ocorre no Adolfo, de Benjamin Constant, ou do Menino de Engenho, de José Lins do Rêgo, para citar dois exemplos de natureza tão diversa quanto possível. O caso da experiência exterior é o da transposição de pessoas com as quais o romancista teve contato direto, como Tolstoi, em Guerra e Paz, retratando seu pai e sua mãe, quando moços, respectivamente em Nicolau Rostof e Maria Bolkonski”. (CANDIDO, 1968, p. 66).

Dessa forma, mesmo que não se trate de uma obra com propostas historiográficas, por exemplo, não se devendo, portanto, tomar literal e objetivamente as questões expostas, ela atua como uma “transfiguração da realidade” (FERREIRA, 2009, p. 75). Assim, se mostra uma rica alternativa para se acessar elementos da realidade retratada, ainda mais se considerarmos suas significações para a autora, bem como suas intermediações, pautadas, como já mencionado, em sua vivência.



Tendo como figura central da trama Nnu Ego, a maior parte da obra ocorre em Lagos, cidade configurada de acordo com os mandos da colonização britânica, e que abrigava um alto número de trabalhadores africanos responsáveis por desempenhar tarefas ligadas, sobretudo, ao cunho doméstico. É após ter fixado residência em Lagos, por conta de seu casamento com Nnaife, que Nnu Ego passou a enfrentar as contradições impostas pela desestruturação da ordem social que antes conhecia em Ibuza, e que agora encontrava-se regida pelo pensamento da colonialidade.

Sobre a obra, pode-se dizer que:

A intenção de determinada obra – se é que há (só) uma – é muitas vezes difícil de estabelecer, mas cremos que o tema mais recorrente de *The joys of motherhood* seja o conflito tradição *versus* modernidade expresso na inabilidade de Nnu Ego em ler o novo mundo que se lhe apresenta; presa nesse entrelugar, nesse meio do caminho entre o passado idealizado e um futuro (ainda) incerto, ela não consegue tecer para si um sentido de existência. (FARIAS; PINHEIRO, 2021, p. 410).

A centralidade da tensão entre o tradicional e a modernidade, mesmo não figurando como o único assunto tratado pela escritora, também é apontada por Katherine Frank que, ao comparar a personagem de Nnu Ego àquelas existentes em outros romances de Emecheta, tece os seguintes comentários:

[...] Apesar de Nnu Ego ser a mais tradicional das heroínas de Emecheta, ela vive na moderna Lagos e muitas das dificuldades que ela enfrenta resultam de suas tentativas de viver de acordo com os valores e costumes que seu ambiente superou. Assim, enquanto o conflito entre os modos de vida tradicionais e os ocidentais é secundário em *The Slave Girl* e em *O preço da Noiva*, aqui eles se tornam protagonistas. (FRANK, 1982, p. 486, tradução nossa)⁶.

Concordando com essas afirmações, pretendemos, no presente ensaio, analisar as maneiras como o trabalho é forjado e pensado diante dos conflitos engendrados pelo modo de agir colonial, bem como os impactos das relações laborais estabelecidas para as personagens e suas vivências. Em outras palavras, compreendemos que as relações de e com o trabalho expressam muito bem essa tensão central da obra, ou seja, tradicional *versus* modernidade.

⁶Trecho original: [...] though Nnu Ego is the most traditional of Emecheta's heroines, she lives in modern Lagos and much of the hardship she endures results from her attempt to live by values that her environment has outgrown. Thus the conflict between traditional and Western ways of life that is peripheral to *The Slave Girl* and *The Bride Price* becomes a major concern here.



Além disso, compreendemos que é possível, também, ainda a partir da análise acerca do trabalho e de suas relações, explorar algumas questões apresentadas pela antropóloga Rita Segato no que tange à tensão construída quando evidenciado o choque produzido pelas imposições da hierarquia colonial.

Entendemos, conforme será apresentado ao longo deste trabalho, que as dinâmicas laborais – ou ausência delas – nas quais Nnu Ego e Nnaife estão inseridas, convergem com os pressupostos expostos por Segato, dentre os quais destacam-se a posição dos homens como interlocutores exclusivos da colonização, simultaneamente àquela gerada pela “emasculação”. É a partir desses pressupostos que elencamos algumas indagações, que, de diversas formas, guiarão nosso trabalho: Afinal, os homens presentes na obra não foram os escolhidos pelos colonizadores para serem seus contatos com “seus colonizados”? Ao mesmo tempo, para as mulheres como Nnu Ego, a tradição ocidental nega, em grande medida, a possibilidade de trabalho, entrando em conflito com os modos de viver tradicionais. Além disso, não há uma espécie de emasculação de Nnaife, devido ao fato de ele executar um trabalho considerado como “de mulher”? Por fim, não há uma série de novas tensões, dificuldades e violências que decorrem dessas relações e acabam recaindo especialmente sobre Nnu Ego? Essas e, possivelmente outras, são questões que consideramos plausíveis de serem trabalhadas na obra *As alegrias da maternidade*, especialmente tendo em mente o conflito central entre o tradicional e a modernidade, evidenciado, repetimos, nas relações de e com o trabalho.

Antes de prosseguirmos, no entanto, cabe ressaltar que o conceito de modernidade utilizado neste ensaio, contraponto à noção de tradicional, segue os preceitos de Enrique Dussel (2005). Sendo assim, não tomamos aqui a modernidade tal qual pressupõe o invento ideológico eurocêntrico, que coloca a Europa Moderna como centro da História mundial, e a qual reivindica a sequência Grécia + Roma como cerne para o construto da civilização e do ocidente. Se pensarmos dessa maneira, corroboramos com o mito da modernidade, que se utilizou (e ainda utiliza) da justificativa do progresso e do desenvolvimento para a aplicação de “uma práxis irracional da violência.” (DUSSEL, 2005, p. 60). Pelo contrário, entendemos, assim como o filósofo, a justaposição de histórias em detrimento de uma história única, superior e hegemônica, cada qual com suas singularidades e especificidades e não dispostas em um sistema que estabeleça hierarquias inserido num modo de pensar “centro/periferia”. (DUSSEL, 2005, p. 61).



O status do trabalho: transformações impostas sob a ordem da colonialidade

Nnu Ego, diante da situação que lhe foi apresentada em Ibuza, viu-se pressionada a afastar-se de sua aldeia a fim de formalizar um casamento com Nnaife, jovem que há tempos deixara sua comunidade natal em busca de trabalho em Lagos. A reação de Nnu Ego ao conhecer Nnaife é substancial, e o estranhamento e frustração apresentados pela mulher em relação a ele e ao trabalho por ele exercido dizem muito sobre o que Segato denominou de “estruturas reconhecíveis de diferença” (2012, p. 17). Essas estruturas, segundo a antropóloga, são responsáveis, nas comunidades de aldeia, “por incluírem hierarquias claras de prestígio entre a masculinidade e a feminilidade, representados por figuras que podem ser entendidas como homens e mulheres” (SEGATO, 2012, p. 117). Há, dessa forma, características e posições que regem o comportamento de gênero no interior das comunidades, impondo regras particulares e tornando-as próprias desse ambiente. Regras essas que colidem com aquelas determinadas pela discursividade colonial. (SEGATO, 2012, p. 117).

Ao deparar-se com Nnaife pela primeira vez, Nnu Ego pôs-se a questionar a real procedência do homem. O motivo residia no fato de que este não correspondia ao ideal de homem cristalizado pelas mulheres de Ibuza:

Nnu Ego comportou-se com compenetração, tentando galhardamente aceitar os cumprimentos a abster-se de imaginar o que diria seu pai se aquele homem aparecesse em pessoa para pedir-lhe a filha em casamento. Fez força para não derramar lágrimas de frustração. **Estava habituada a lavradores altos, rijos, de mãos ásperas, escurecidas pelo trabalho no campo, pernas compridas e esguias e pele muito escura. Aquele homem era baixo, a carne da parte de cima de seus braços balançava enquanto ele se movimentava jubilante entre os amigos. E aquela barriga saliente!? Por que ele não a escondia?** Nnu Ego o desprezou naquela primeira noite, especialmente quando, muito mais tarde, as pessoas começaram a fazer suas exageradas despedidas. (EMECHETA, 2017, p. 39, grifos nossos).

As características de Nnaife contrapunham-se àquelas tidas como habituais para Nnu Ego, as quais eram derivadas do tipo de trabalho desempenhado pelos homens de Ibuza. Se na aldeia o trabalho no campo e na lavoura era a função principal exercida pelos homens, o qual lhes garantia aspectos fisionômicos vistos como adequados; na cidade de



Lagos, disposta sob os preceitos da modernidade colonial, o trabalho exercido por Nnaife não lhe conferia o status de “homem de verdade”.⁷

Além da frustração emanada por Nnu Ego quanto às características físicas de Nnaife, consequência da formatação do trabalho exercido por ele, destaca-se na trama a aversão de Nnu Ego ao próprio caráter deste trabalho. Os costumes de Ibuza pressupunham um status próprio à condição laboral. Neste ponto, cabe ressaltar que o status, conforme apontado por Judith Van Allen, não diz respeito à forma ocidentalizada de hierarquia social compreendida, por vezes, somente à luz das condições financeiras de determinada pessoa. Para Allen, o status, nesse caso, trata-se de uma construção, um aspecto alcançado pelas ações empreendidas pelos homens e mulheres igbos⁸ ao longo da vida, atribuído a eles por sua própria comunidade. (VAN ALLEN, 1972, p. 168). Ou seja, o que era feito (lavoura, caça, venda, etc.) também era elemento dotado de significantes no interior da aldeia. Para a narratividade da modernidade colonial, regida pelo sistema capitalista, esse elemento esvazia-se de importância. Agora, o “cintilante dinheiro dos brancos” (EMECHETA, 2017, p. 45) tornava-se o elemento central de preocupação dos trabalhadores; o tempo tornou-se escasso diante das adversidades e perversidades colocadas pela vida urbana. O tempo que antes possuíam para dedicar à comunidade ou à família é, de acordo com a lógica colonial, elemento quase inexistente perante a extenuante carga de trabalho.

Na trama de Emecheta, a diferença entre o caráter do trabalho torna-se visível à medida que Nnu Ego expõe comentários acerca da função de Nnaife. Ser lavador de roupas, sobretudo de roupas íntimas de uma mulher, retirava-lhe todo caráter de hombridade, fazendo-a questionar-se sobre os motivos que não o levavam à busca de um “serviço mais respeitável” (EMECHETA, 2017, p. 43):

⁷Essa percepção acerca da hombridade de Nnaife pode ser ilustrada com nitidez a partir do seguinte comentário tecido por Nnu Ego: “Se as coisas tivessem saído como deveriam, eu não teria deixado a casa de Amatokwu para vir aqui viver com um homem que lava roupa íntima de mulher. Homem! Francamente!”. (EMECHETA, 2017, p. 44).

⁸O povo Igbo ocupa historicamente regiões ao sul-sudoeste da Nigéria. Está presente também em outros países, muito embora, ainda hoje, esteja concentrado em sua maioria neste país. Estima-se, para o ano de 2022, que das cerca de 35 milhões de pessoas desse povo, 31 milhões estejam na Nigéria. Possuem uma tradição religiosa politeísta. Suas organizações costumam ser vistas como sendo ausentes de chefes tradicionais. Além de gerar estranhamentos no contato com grupos sociais pautados em hierarquias bem delimitadas, como se deu na colonização (AFIGBO, 2010, p. 580-581), essa característica teria possibilitado “uma maior mobilidade social, o que garantiu uma maior dinamicidade em seus relacionamentos” (PAES, 2021, p. 30).



Mas toda vez que via o marido pendurando a roupa íntima da mulher branca, Nnu Ego contraía o rosto como se estivesse sentindo dor. A sensação ficava ainda mais intolerável quando, quase nauseada, ouvia Nnaife falar com entusiasmo sobre a maneira correta de lavar roupas delicadas e seda. A verdade, ela percebeu, era que aquele homem sentia orgulho de seu trabalho. (EMECHETA, 2017, p. 43).

Tais situações relacionadas ao serviço desempenhado por Nnaife, que também expõem seu grau de submissão, podem ser lidas à luz do que Segato define como emasculação, fruto da sujeição imposta pela soberania do colonizador. Segundo Segato:

[...] (a) emasculação desses mesmos homens frente aos brancos, o que os submete ao estresse e lhes mostra a relatividade de sua posição masculina ao sujeitá-los ao domínio soberano do colonizador. Este processo é violentogênico, pois oprime aqui e empodera na aldeia, obrigando a reproduzir e a exibir a capacidade de controle inerente à posição de sujeito masculino no único mundo agora possível para restaurar a virilidade prejudicada na frente externa. (SEGATO, 2012, p. 120).

A emasculação, entendida nos moldes propostos por Segato, torna-se ainda mais visível se compararmos as tarefas desempenhadas por Nnaife àquelas descritas por Emecheta nas primeiras páginas do romance e que dizem respeito aos homens de Iбуza. Se na modernidade de Lagos, conforme já citado, os serviços ligados ao âmbito privado se convertem na principal forma laboral desenvolvida; em Iбуza, as atividades de caça ocupavam papel de proeminência. Cabe destacar aqui o acidente que atingiu Agbadi, ocorrido durante uma atividade de caça a elefantes que, dada a gravidade dos ferimentos, quase o levou à morte. (EMECHETA, 2017, p. 11).

Ainda seguindo a linha da antropóloga, é possível inferir que a posição dos homens provenientes de Iбуza apresenta-se, em alguns casos, como simultaneamente externa e interna. Se na prática laboral se submetem à ordem colonial, cuja função apregoa-os de um sentido de inferioridade; internamente, quando presentes fora do espaço público da colonialidade, ainda pretendem manter-se como detentores daquilo que sempre foi existente no “mundo-aldeia”, no qual o papel da diferença persiste, mas que devido à ordem colonial ganha caráter de ultra-hierarquização⁹. Daí se explica a fala de Cordelia ao mencionar o fato de que “quando os patrões maltratam nossos maridos, eles descontam em nós”. (EMECHETA, 2017, p. 47).

⁹Tal diferença, na aldeia, é caracterizada por Segato (2012, p. 120) como “patriarcado de baixa intensidade”.



Os homens frente ao mundo público da colonialidade apresentam-se, assim, como os interlocutores de um ordenamento imposto pela estrutura colonial:

Para Arlette Gautier a eleição dos homens como interlocutores privilegiados foi deliberada e serviu os interesses da colonização e a eficácia de seu controle: “a colonização carrega consigo uma perda radical do poder político das mulheres, ali onde existia, enquanto os colonizadores negociaram com certas estruturas masculinas ou as inventaram com o fim de conseguir aliados” (2005: 718) e promoveram a ‘domesticação’ das mulheres e sua maior distância e sujeição para facilitar a empreitada colonial (ibidem: 690. Ver também Assis Clímaco 2009). (SEGATO, 2017, p. 119-120).

Essa prática, por sua vez, visando potencializar a dominação e impor o modo de vida chamado moderno, acaba por excluir as mulheres da vida social e política. Além disso, resulta, frequentemente, em relações tensas, por vezes violentas, entre os homens e mulheres pertencentes às comunidades tradicionais, devido, justamente, à imposição desses meios de viver estranhos a eles. Em diálogo com essa afirmação de Segato, Judith Van Allen aponta para o que denominou de enfraquecimento e desarticulação do papel exercido pelas mulheres após a obrigação de tomarem para si as regras da estrutura colonial. No caso da Nigéria, cenário da trama de Emecheta, ao criarem instituições específicas para monopolizar o uso da autoridade e da força, os britânicos levaram em conta somente aquelas instituições configuradas pelos homens igbos, ignorando a influência e a potência exercidas pelas mulheres (VAN ALLEN, 1972, p. 167). A presença das mulheres como atuantes na vida política/pública da comunidade, o que ocorria no interior da aldeia por meio, por exemplo, da realização de assembleias, deixa de existir. A ocidentalização, segundo Van Allen (1972, p. 165), retirou a autonomia das mulheres e não colocou, ou nem sequer se preocupou, em colocar formas modernas de autonomia no lugar.

Percebe-se, portanto, diversos dos elementos apontados por Segato como sendo resultados e/ou motivados pelo contato colonial, dentre os quais destacamos a elegibilidade exclusiva dos homens; sua emasculação e mesmo a desestruturação de redes e costumes autóctones, especificamente acerca da presença e participação das mulheres nessa sociedade. Todos esses elementos possuem profundas ligações e se manifestam nas relações de e com o trabalho. É compreensível, dessa forma, o grande estranhamento de Nnu Ego com o modo de agir da colonialidade, destacando-se sua postura acerca do



trabalho do marido. Continuemos, então, analisando esses elementos e, conforme for possível e pertinente, abordando outros.

As relações laborais: os câmbios estabelecidos pela estrutura colonial

Ao longo da obra, inúmeras são as dificuldades enfrentadas por Nnu Ego. Sua presença em um “entre lugar”¹⁰, (localizado entre Ibuza e Lagos e entre o tradicional e o moderno) lhe impõe as dificuldades de ambos, ao mesmo tempo em que lhe impede o refúgio, a acolhida e o respaldo de qualquer um deles. Especialmente o pertencimento e a rede de apoio de que dispunha em Ibuza lhe são caros frente aos problemas, e impraticáveis, por estar em Lagos. O trecho a seguir exemplifica de forma bastante evidente este aspecto:

Estou vendo que você está zombando de mim. É verdade, Adaku, você pode se dar ao luxo de fazer troça. Pode até achar que tem razão, mas fique sabendo que está errada. Enquanto você valoriza o dinheiro e as roupas bonitas, eu valorizo meus filhos; **mas não se esqueça de que minha família sempre teve fortuna.** Só sou pobre em Lagos. **Vá até Ibuza e veja como sou rica em pessoas, com amigos, parentes, parentes por casamento.** (EMECHETA, 2017, p. 48, grifos nossos).

Nnu Ego, portanto, tem consciência das situações e dinâmicas nas quais ela está inserida. É, então, pautada nessa consciência e na ausência dessa “fortuna” - não apenas de dinheiro, conforme percebe-se no trecho supracitado - que ocorre uma mudança significativa da postura de Nnu Ego em relação ao trabalho - e conseqüentemente frente ao novo mundo no qual ela agora estava localizada. Se no início destacava-se sua insatisfação e decepção em relação ao trabalho desempenhado por Nnaife, percebe-se, ao decorrer da narrativa, uma postura muito mais prática e utilitária.

Nnu Ego passa, assim, a entender o trabalho como um meio de sobrevivência, como a forma de garantir a própria alimentação e a de sua família. E o ato de vender cigarros é outro exemplo nodal desse entendimento. Para comprar roupas, pagar a escola dos filhos e demais produtos, o lucro proveniente da venda de cigarros torna-se crucial.

Tal mudança torna-se mais aparente após a perda do emprego de Nnaife na residência da família Meers. É diante desse cenário que Nnu Ego, num diálogo com Nnaife, faz o seguinte questionamento: ‘Por que você não vai até Ikoyi e pergunta àqueles

¹⁰Tal expressão está pautada no conceito de “entre-mundos” desenvolvido por Segato (2012).



européus se eles têm outros trabalhos domésticos para você, de modo que quando eles estiverem prontos para viajar, você vai com eles” (EMECHETA, 2017, p. 104). Ou seja, o mesmo trabalho doméstico, que inicialmente causava enorme insatisfação em Nnu Ego, agora é por ela sugerido.

De acordo com nossa percepção, isso não significa, contudo, que Nnu Ego tenha simplesmente abandonado suas visões e padrões acerca do trabalho. Tampouco que tenha assimilado a lógica colonial de pensar e agir. Entendemos que essa mudança de postura se pautou em um mecanismo de sobrevivência, afinal, a despeito de seu comportamento contrário aos trabalhos desempenhados por Nnaife para os brancos, por estarem inseridos nesse mundo colonial, quando esse trabalho lhes faltou, as consequências foram graves. Portanto, frente às dificuldades impostas por esse ambiente moderno/colonial, Nnu Ego assimila a necessidade do trabalho - a despeito de seus problemas - como uma necessidade de sobrevivência.

A consciência de que há uma problemática inerente a essas relações de trabalho não são exclusividade de Nnu Ego. Mesmo que não seja uma questão central e que, mesmo em Nnu Ego, a partir dessa mudança de postura exposta, ela tenha se enfraquecido, uma visão crítica dessas relações de trabalho é perceptível em diversos momentos, como na passagem a seguir, do personagem Ubani:

Ubani lhe garantiu que o aceitariam: ele próprio agora cozinhava para o diretor de todo o Departamento de Estradas de Ferro da Nigéria e numa base permanente. Seu empregador era o Departamento e não o diretor, de modo que no dia em que resolvesse abandonar aquele trabalho, simplesmente seria transferido para um outro patrão. Ubani riu com amargura: ‘Agora estou falando como um escravo velho, agradecido porque lhe dão de que viver’. (EMECHETA, 2017, p. 107).

Com base nisso, inclusive, é possível levantar a hipótese de que essa nova postura, conforme visualizamos em Nnu Ego, ou seja, fortemente pautada na sobrevivência, nas necessidades, era muito comum. Inclusive a própria Nnu Ego nos fornece uma passagem extremamente significativa nesse sentido. Inserida nessa mesma conversa com Ubani, Nnu Ego, ao realizar um questionamento a ela própria, também nos pergunta o seguinte:

E não somos todos de certo modo escravos dos brancos?’, perguntou Nnu Ego com voz estrangulada [não seria essa descrição de sua voz, um mecanismo sutil de expor um sofrimento interno por dizer isso?]. ‘Se eles nos deixam comer, então comemos. Se dizem que é para não



comermos, de onde vamos tirar comida? Ubani, você é um homem de sorte e me alegre por você. O salário pode ser pequeno e o trabalho pode ser escravo, mas pelo menos sua esposa está tranquila, sabendo que no fim do mês [até mesmo essa questão temporal pode ser analisada, afinal, o pagamento mensal, e não de qualquer outra forma, também não é uma imposição do colonizador e que possui consequências?] vai receber algum dinheiro para alimentar os filhos e você. O que mais uma mulher pode querer?'. (EMECHETA, 2017, p. 107-108).

Percebe-se aqui, portanto, todos os elementos dessa nova postura, a saber, enxergar no trabalho a solução para as necessidades básicas, ao mesmo tempo em que se mantém uma consciência crítica acerca dos problemas dessas relações, mas que é, no entanto, aos poucos, sublimada pela imposição da realidade e da necessidade de sobreviver.

A partir dos apontamentos de Segato notamos, ainda, outro fator fundamental que se relaciona com essas dinâmicas. Como defende a autora, o colonialismo impõe a exclusividade de participação, de interlocução, aos homens. Dessa forma, passa-lhes a ser inculcado uma lógica de vida, formas de estar no mundo, costumes, pautados no padrão branco. Obviamente não se trata de uma aculturação. Contudo, não se pode negar que o colonialismo tem, dentre seus diversos objetivos, a proposta de impor seus modos de vida. Dessa forma, e especialmente por estarem dentro de um ambiente com maiores e mais intensos contatos com o colonialismo, como é o de Lagos, a imposição desses costumes se dá em mais frentes e com maior intensidade. Novamente as relações de e com o trabalho são exemplares, afinal, ao se mudar para Lagos e se inserir nesses novos modos de viver - que também lhes são impostos - Nnu Ego não passa a sofrer de uma dependência para com Nnaife que até então lhe era desconhecida? Na Lagos moderna é o homem quem deve trabalhar e sustentar a casa.

O extremo dessa problemática ocorre no episódio em que Nnu Ego e a esposa menor deixam de fazer a refeição de Nnaife, como uma espécie de greve para conseguir que ele lhes dê mais dinheiro para comida “Nnu Ego implorou até de manhã e, quando Nnaife saiu para o trabalho, ela correu atrás dele e continuou implorando [por mais dinheiro para comprar comida]. Tinha quatro filhos e estava esperando outro, precisava resolver as coisas; Adaku tinha apenas ela própria e Dumbi com quem se preocupar”. (EMECHETA, 2017, p. 126).

Percebe-se, portanto, que essa lógica moderna de trabalho, ao apregoar a dependência da mulher frente à proposta de trabalho exclusivo do homem, elabora os mecanismos que lhes dificulta a sobrevivência e que, conseqüentemente, no final do



cômputo, impõe a eles a necessidade de assimilar essa lógica laboral. Esses elementos se relacionam, ainda, com a sistemática desarticulação das estruturas internas de presença e participação das mulheres; completando-se, assim - a despeito da importância de outros elementos -, um mecanismo retroalimentado.

É, ainda, na centralidade dessa tensão entre o moderno e o tradicional que podemos aprofundar um pouco mais o debate acerca desse significativo episódio. Van Allen (1972, p. 169) aborda, dentre outras diversas formas das mulheres nigerianas estarem e participarem de suas sociedades, um mecanismo muito parecido com o que apresentamos acima, da greve de Nnu Ego e da esposa menor. Segundo a autora, esse era um mecanismo fundamental praticado por aquelas mulheres e que atuava no sentido de lhes assegurar uma voz ativa, de participação e, talvez principalmente, de lhes conferir segurança frente a possíveis abusos, de diversos tipos, ou de tolhimento de suas vozes e participação, naquele meio. Para que essa prática fosse efetiva, contudo, era imprescindível a participação e apoio das mulheres da comunidade. No caso de Nnu Ego não há esse apoio, não há uma rede, sequer há essa comunidade na qual estar inserida. Por isso, em Lagos, como vemos no livro, essa prática, a greve de Nnu Ego por mais comida, fracassa.

Essas dificuldades pelas quais as personagens femininas de Emecheta passam talvez seja o aspecto mais denso de sua obra. Ainda relacionado com os últimos elementos abordados acima – da dependência imposta frente ao homem – e, como toda nossa argumentação no presente ensaio, também pautado nos pressupostos de Segato, talvez a passagem mais sólida seja a escolha de Adaku em entrar na prostituição¹¹. Obviamente esse é um elemento que não pode ser reduzido a um fator de compreensão. Essa decisão, por sua vez, possivelmente colocou Adaku num “entre lugar” ainda mais profundo que o de Nnu Ego – questão que não é possível discorrer sobre visto a sua ausência na obra.

Por fim, diversos outros seriam os elementos que poderiam ser abordados neste ensaio acerca dessa tensão entre o tradicional e o moderno, manifestado nas relações com e no trabalho, como a manifestação dessas relações a respeito dos filhos – quais eram as expectativas sobre eles e quais foram as posturas, no fim, por eles tomadas.

Gostaríamos, todavia, de pontuar um último aspecto, a saber, a contradição entre o discurso e a prática das relações de e com trabalho. Esse elemento fica nítido ao final

¹¹ Essa decisão de Adaku ocorreu, inclusive, a despeito de seu relativo sucesso no comércio, o que comprova a complexidade dessa questão.



do livro, quando do julgamento de Nnaife. Ali, há o choque entre as palavras de Nnaife – de acordo com o padrão moderno – de que era ele quem deveria sustentar a casa e os filhos e que foi ele quem o fez, frente a realidade de que foi Nnu Ego a grande responsável por isso. Ou seja, a despeito desse discurso de exclusividade de participação e responsabilidades masculinas, era a figura da mulher, de Nnu Ego, quem atuava, efetivamente, como protagonista. Percebe-se, então, mais uma camada desse mecanismo moderno/colonial, que se manifesta fortemente no trabalho, ou seja, ao mesmo tempo em que nega a participação das mulheres, impulsiona-lhes a dependência e atribui ao homem a centralidade, também frequentemente lhes nega e ignora suas contribuições, importância, quiçá protagonismo, no cotidiano.

Considerações finais

Na citação inicial deste ensaio, trouxemos um trecho em que Emecheta menciona a incapacidade de suportar a raiva existente em seu interior, sendo o ato de escrever uma maneira de abrandá-la. É no ato de escrever que a autora, ao transpassar suas vivências, pretendeu lidar com suas emoções e traumas do passado. O forte teor autobiográfico de seus escritos não nega isso. Percebe-se, ainda, um alto grau de proximidade, de cotidiano, em sua obra. Não há - e não precisa haver - grandes acontecimentos, reviravoltas mirabolantes. O que há é a narrativa da realidade da autora. Se bem que muitas vezes - e a obra de Emecheta é um bom exemplo - a realidade nos fornece situações dignas de um roteiro forçado.

A autora Veena Das (2011, p. 16), trabalhando memórias de mulheres pós-partição da Índia, diz o seguinte: “Como tornar tal espaço de destruição em seu próprio espaço, não por uma ascensão à transcendência, mas por um descenso ao cotidiano, é o que descreverei através da vida de uma mulher, aqui chamada de Asha”. Entendemos que, de certa forma - e claramente considerando as diferenças entre os gêneros e propostas -, também é isso o que ocorre de Emecheta para com Nnu Ego, um descenso ao cotidiano, uma forma de lidar com a raiva.

Esperamos ter conseguido apresentar algumas reflexões pertinentes acerca das dinâmicas laborais existentes na trama de Emecheta. A escolha pela temática deste trabalho deu-se de modo a considerar nuances que nos chamaram atenção, ao mesmo tempo em que expõe importantes dinâmicas históricas. Afinal, por mais que se trate de



uma obra de ficção e, por isso, devemos ter cautela acerca do que e de como buscar as informações do seu enredo, é inegável que se trata de uma visão de mundo real, que deve ser tratada como tal e, enquanto tal, também é significativa. Nesse sentido, além da já citada percepção de Antonio Cândido sobre a construção da personagem fictícia, é válido reiterar as considerações de Catherine Gallagher (2009). Segundo a autora, as fronteiras entre a ficção e a não-ficção parecem cada vez mais dissolvidas no campo literário, tornando complexas e, por isso, necessárias as análises que enfatizem o caráter misto desse tipo de narrativa. Não é de estranhar, portanto, a presença no livro de um panorama traçado pela autora, representando, assim, a sua visão do contexto retratado:

Homens sem qualificação profissional tinham dificuldade para encontrar trabalho no início da década de 40. Em números cada vez mais elevados, eles abandonavam suas aldeias natais para procurar emprego em Lagos, e esse fenômeno vinha privando muitas áreas de seus homens fisicamente mais capazes. Os que partiam achavam preferível trabalhar para um patrão ou uma empresa do que permanecer em suas próprias lavouras, onde os rendimentos dependiam dos caprichos do tempo e da força física que eles próprios tivessem. Nessas circunstâncias, quando os homens envelheciam, seus filhos naturalmente assumiam o cultivo das terras da família; suas filhas, dos locais onde haviam ido viver com os maridos, de vez em quando mandavam pequenas contribuições na forma de tabaco e sabão, ou feixes de madeira para aquecer as lareiras [...]. Mas as gerações mais jovens, como a de Nnu Ego e seus amigos, preferia deixar esse tipo de vida para trás. Fazia muito tempo que os iorubas tinham ido para Lagos [...], mas os igbos foram um dos últimos grupos a seguir essa tendência. **Embora sentissem falta da sensação de pertencimento existente nas comunidades de suas aldeias**, a vantagem de trabalhar nas cidades era os salários serem mais regulares; o pagamento podia ser reduzido, mas os igbos logo aprenderam a adaptar suas necessidades aos meios de que dispunham. (EMECHETA, 2017, p. 130, grifos nossos).

Trouxemos essa longa citação, pois entendemos que ela revela, mais uma vez, a centralidade da tensão entre o tradicional e o moderno, manifestada, dentre outros aspectos, nas relações de e com o trabalho, apresentado, inclusive, pela autora, como um dos motivadores, desde o início, das migrações e consequentes mudanças.

Percebe-se, portanto, que a colonialidade, ao estabelecer um conjunto de relações obrigatórias e com graus hierárquicos potentes, impõe câmbios nos papéis laborais anteriormente estabelecidos pelo regramento da aldeia. Esses câmbios puderam ser observados, por exemplo, a partir de elementos relacionados à construção do status dos homens e mulheres na sociedade, vinculada às atitudes e ações empenhadas por estes, seja no aspecto social ou laboral; às formas de encarar a centralidade do trabalho, visto



que sua escassez determina a busca extenuante pela sobrevivência e, por último, à ausência da rede de coletividade que, em Ibuza, caracterizava-se como um dos aspectos centrais da vida cotidiana.

Por fim, apoiando-nos nas proposições de Segato, autora que guiou parte das discussões deste ensaio, é certo afirmar que a trama de Emecheta impulsiona a percepção de que a ordem colonial traz consigo (não sem enfrentar muita resistência) a capacidade de retirar do povo seu foro interno, impedindo-o de urdir as tramas de sua própria história e espriando nos locais onde se instala a crueldade e desamparo intrínsecos à ordem do mercado.

Referências bibliográficas

AFIGBO, Adiele Eberechukuwu. Repercussões sociais da dominação colonial: novas estruturas sociais. In: **História Geral da África VII**. África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: Unesco, 2010.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, n.º 37, p. 09-41, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645006>. Acesso em: 09/05/2022.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO: Buenos Aires, 2005.

EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Porto Alegre: TAG, 2017.

EMECHETA, Buchi. Feminism with a small f. **Criticism and Ideology**: Second African Writers' Conference. Scandinavian Institute of African Studies, p. 173-85, 1988.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

FARIAS, Rodolfo M; PINHEIRO, Vanessa. A progenitora obstinada: apontamentos sobre a representação da maternidade Igbo na prosa de Buchi Emecheta e Chimamanda Ngozi Adichie. **Ilha do Desterro**, v. 74, n.º 1, p. 405-418, Florianópolis, jan/abr, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/74004>. Acesso em: 09/05/2022



FRANK, Katherine. The death of the slave girl: African womanhood in the novels of Buchi Emecheta. **World Literature Written in English**, v. 21, n.º 3, p. 476-497, 1982. DOI: <https://doi.org/10.1080/17449858208588746>. Acesso em: 09/05/2022

FERREIRA, Rejane; GARCIA, Rebeca. A subalternização das mulheres na Nigéria Colonial: uma análise do romance *As alegrias da Maternidade*, de Buchi Emecheta. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 11, n.º 02, ago/dez, 2019. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/index/literatura/ano/2019>. Acesso em: 07/05/2022

GALLAGHER, Catherine. Ficção. In: MORETTI, Franco (org). **A cultura do romance**. São Paulo: COSACNAIFY, 2009.

Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (ILEA/UFRGS). **Buchi Emecheta**. Biografia de Mulheres Africanas. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/buchi-emecheta-1944/>. Acesso em: 01/11/2022

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES** [Online], v. 18, p. 106-131, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 22/07/2021

VAN ALLEN, Judith. “Sitting on a man”: Colonialism and the Lost Political Institutions of Igbo Women. **Canadian Journal of African Studies / Revue canadienne des études africaines**. v. 6, n.º 2, p. 165-181, 1972. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/484197>. Acesso em: 09/05/2022

PAES, Elvis Rogerio. **O povo igbo não conhecia reis**: estudo sobre a produção intelectual de Chinua Achebe e o combate ao imperialismo britânico. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.